

A expressão literária em Merleau-Ponty

*Leandro Neves Cardim*¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar o modo como Merleau-Ponty discute o tema da expressão criadora na literatura. Para isto, nos valeremos principalmente dos textos do período intermediário em que se trata de colocar em evidência o fato de que a criação literária é tributária de um arranjo dos próprios signos da linguagem sedimentada.

Palavras-chave: expressão – linguagem – literatura – Merleau-Ponty.

Em um texto escrito em 1951 – “Um inédito de Maurice Merleau-Ponty” –, o filósofo avisa que está escrevendo um livro sobre a linguagem literária e acrescenta: “neste domínio é mais fácil mostrar que a linguagem não é nunca vestimenta do pensamento que se possui a si mesma com toda clareza”.² O que é mais fácil de mostrar é o poder criador da linguagem literária em relação a formas de expressão mais exatas como o algoritmo. Porém, a parte do livro que versaria sobre a literatura não chegou nem mesmo a ser escrita e só o que temos é a obra cuja redação foi interrompida, permanecendo inacabada e sendo publicada postumamente com o título *A prosa do mundo*.

Segundo Merleau-Ponty, para acessarmos a linguagem literária é preciso afastar, inicialmente, os prejuízos tradicionais. Primeiramente, trata-se de exorcizar o fantasma da linguagem pura. A propósito, todos nós conhecemos exemplos desta linguagem quando usamos expressões como “uma rosa”, “chove”, “o tempo está bom”, “o homem é mortal”. Esta linguagem é útil e indispensável. Mesmo quando entretemos um diálogo inusitado há certo número de expressões que pertencem a esta linguagem. Quando a utilizamos é porque pretendemos enunciar alguma coisa. É preciso reconhecer aí o “ideal de uma linguagem” que nos liberta da própria linguagem entregando-nos às próprias coisas.³

¹ Professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: lnc@ufpr.br.

² MERLEAU-PONTY, *Parcours deux*, p. 44.

³ MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 7 e 8.

Este é o fantasma da linguagem pura que ronda e assombra as teorias tradicionais. Do lado do senso comum, impera sua versão mítica em que “nossa linguagem reencontra no fundo das coisas uma fala que as fez” – momento em que os “homens desenterram uma linguagem pré-histórica falada nas coisas”.⁴ Do lado das ciências exatas, há o projeto de uma língua universal rigorosa e controlável na qual se trata simplesmente de substituir alusões confusas por atos de significações, que, por sua vez, estabelecem uma relação sem nenhum equívoco com as significações das quais eles foram derivados. Se abordarmos a linguagem por este ângulo, reencontramos dois mitos conjugados que devem cair por terra se quisermos apreender a linguagem viva. Seja na versão mitológica da linguagem das coisas na qual a fala corresponde às próprias coisas, seja na versão da língua universal em que o signo corresponde ao significante, em ambos os casos, perdemos a experiência efetiva da linguagem. Do ponto de vista tradicional sempre “há um lugar em que tudo o que é ou que será prepara-se ao mesmo tempo para ser dito”. A espécie de relação que predomina entre o signo e o significante, assim como entre as palavras e as coisas é de pura exterioridade; ao contrário não se compreenderia que tanto o significante quanto as próprias coisas poderiam ser enunciadas sem nenhum resíduo. Este fantasma da linguagem pura pressupõe uma coincidência – mágica ou arbitraria – entre a linguagem e seu referente exterior, ou seja, aquilo que ela significa. Donde a presunção de uma dizibilidade total do real embasada na crença de uma linguagem que suprime todo silêncio. Tal linguagem pretende significar unicamente mediante átomos verbais com os quais é composta e que reenviam pontualmente a um elemento da realidade. É deste modo que o ideal de pureza pode dominar, pois se as palavras perdem sua espessura característica é porque elas se tornam instrumentos anódinos ou neutros inteiramente a serviço da significação. Como entender a relação entre signos transparentes e significações já dadas e puras senão estabelecendo uma superposição e uma designação? Resta que a expressão entendida como substituição não suporta nem equívoco, nem deixa rebarba. Donde o trabalho do escritor clássico consistir na procura da única expressão que dará conta do pensamento que lhe

4 MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 9 e 12.

foi destinado. Aqui, o esforço da fala não dá nada além de um equivalente da intenção do escritor. Merleau-Ponty chama atenção para o fato de que a maneira com que o escritor exprime algo e aquilo que foi expresso mantém, no interior deste registro, “uma espécie de falso reconhecimento”, pois acabamos tendo a impressão de que a expressão “habitava desde toda a eternidade” o exprimido.⁵

De fato, não é justo dizer que em um livro de literatura cuja expressão foi bem-sucedida não existam tais significações dadas de antemão. Há, sem dúvida, o prosaico, mas é preciso observar que o livro não se limita apenas a “tocar, por intermédio de signos convenientes, significações já instaladas na cultura”.⁶ Não podemos interpretar a linguagem exclusivamente como uma espécie de vestimenta para as coisas ou para o pensamento. Na literatura há uma espécie de ultrapassamento que é o momento em que o escritor exprime algo que nunca foi expresso. Não se trata de despertar correspondências existentes entre as palavras que empregamos e certas ideias usuais, instante do completo apagamento da ambigüidade ou da equivocidade da expressão. Merleau-Ponty não pretende tomar a cadeia verbal e subdividi-la de tal forma que haja correspondência pontual de cada um dos elementos lingüísticos a uma coisa ou noção. Trata-se de frisar aí uma espécie de ilusão que se estabelece desde que o processo expressivo se confirme. Esta ilusão se dá quando, uma vez arrefecido o poder criador do processo expressivo – a expressão se fazendo –, o próprio processo se apaga em benefício daquilo que exprimiu, momento em que se dá a sedimentação das significações novas. Ora, isto se dá porque é a própria linguagem que nos lança naquilo que ela significa: a linguagem “se dissimula aos nossos olhos por sua própria operação; seu triunfo é apagar-se e nos dar acesso, para além das palavras, ao pensamento do autor, de tal forma que depois cremos ter conversado com ele sem palavras, de espírito a espírito”. Eis aí um dos resultados da linguagem, ou melhor, a pró-

5 Para dar um exemplo do que é uma concepção de expressão aos moldes clássicos, Merleau-Ponty cita esta frase de La Bruyère citada por Jean Paullhan: “entre todas as diferentes expressões que podem traduzir um de nossos pensamentos, há somente uma que é boa. Nem sempre a encontramos ao falar ou escrever: contudo, é verdade que ela existe”. La Bruyère apud MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 11.

6 MERLEAU-PONTY, *Parcours deux*, p. 45.

pria “*virtude da linguagem*”, a qual consiste em “fazer-se esquecer ao conseguir exprimir”.⁷ No quadro desta ilusão basta que alguém exprima algo para que os signos sejam rapidamente esquecidos, permanecendo apenas o sentido. Atemonos, então, ao resultado do processo expressivo e esquecemo-nos de fazer sua gênese. Esta maneira de ver as coisas é que nos conduz à concepção utilitária da linguagem, ou melhor, da linguagem instrumentalista que opera com o sistema de significações puras. Deste ponto de vista, o escritor não faria nada além de procurar o equivalente justo da expressão, enquanto o leitor se valeria de um teclado lingüístico prévio que permitiria traduzir ou decodificar todas as combinações lexicais presente no texto. É neste sentido que devemos interpretar a ausência de novidade e do diferente, pois se a linguagem é o meio de transmitir significações pré-dadas pelo sujeito, resta que não poderia haver nela nada de novo e de diferente, pois o pensamento só encontraria a si mesmo. Dito de outro modo: neste registro a linguagem não nos dá a pensar.

Merleau-Ponty, por sua vez, quer ir além. Não podemos nos deter na análise da linguagem instituída. É preciso abordar a linguagem no contexto do escritor que cria sua obra. É isto que ele nos diz em outro texto escrito em 1951 – “Títulos e trabalhos. Projeto de ensino” – publicado postumamente. Se além da impressão de posse absoluta da significação nos ativermos ao momento fundamental da expressão, na instituição da linguagem no escritor trabalhando, escrevendo, perceberemos que a linguagem literária deve ser interpretada como uma “maneira mais flexível e mais ágil de circunscrever a significação”. O escritor não possui tal significação, mas ele “pede tanto àquele que o escuta quanto àquele que a emprega, um verdadeiro ultrapassamento de suas idéias adquiridas, e que em um como em outro, ele não se limita a designar pensamentos já pensados”.⁸ Quando falamos ou escrevemos os elementos do discurso só têm um sentido por sua diferença com outros elementos do próprio discurso. Na experiência da linguagem não há apenas signos transparentes que correspondem a significações já dadas e puras, mas, sim, “diferenciações no interior de um todo – a fala ou a lín-

7 MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, pp. 15-17.

8 MERLEAU-PONTY, *Parcours deux*, pp. 30-31.

gua praticada no meio considerado”.⁹ Não é correto desconsiderar a linguagem prosaica. Ao contrário, devemos tomá-la como um limite que não alcançamos nunca. Se quisermos captar o uso criador da linguagem é preciso ressaltar que a linguagem útil ou prosaica é, de certo modo, indispensável. Assim, para descrever o perfil desta linguagem vale observar que ela aparece somente “depois e desaparece diante do sentido do qual se tornou portadora”. Não é fora da linguagem falada que a comunicação se dá. Quando a expressão está se fazendo é porque a linguagem falante nos faz “deslizar dos signos ao sentido”.¹⁰

É em um contexto como este que Merleau-Ponty pretende generalizar a tese de Mallarmé e de Rimbaud para toda a linguagem e, em particular, para a literatura. Afinal, se é verdade que a poesia não é senão “a parte da literatura em que esta autonomia se afirma com mais ostentação”, é verdade, também, que “a grande prosa é a arte de captar um sentido que até então nunca havia sido objetivado e torná-lo acessível a todos que falam a mesma língua”.¹¹ Na conferência apresentada em 1951 – “O homem e a adversidade” –, o filósofo nos diz que é preciso reconhecer o que há em comum entre Mallarmé e Rimbaud: ambos queriam “libertar a linguagem do controle das ‘evidências’ e confiar na linguagem para inventar e conquistar novas relações de sentido”. Assim, tanto para aquele que fala ou escreve, a linguagem não é um instrumento de comunicação que se contenta apenas em exprimir intenções dadas alhures. A linguagem não está pura e simplesmente a serviço das significações inertes e que não nos ensinam nada. A linguagem “é o próprio ato de significar”. Donde só poderemos compreendê-la se nos instalarmos nela e se a exercermos.¹²

Para especificar a operação expressiva na literatura é preciso caracterizar a linguagem falante.¹³ Convém, então, observar com uma lupa o momento

9 MERLEAU-PONTY, *Parcours deux*, p. 342.

10 MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 17.

11 MERLEAU-PONTY, *Parcours deux*, p. 45. Seguindo este raciocínio será preciso concluir que “toda linguagem é poesia, com a condição que a linguagem procure exprimir algo novo”. MERLEAU-PONTY, *Parcours deux*, p. 339

12 MERLEAU-PONTY, *Signes*, p. 295.

13 O filósofo caracteriza a linguagem falante como “a interpelação que o livro dirige ao lei-

exato em que a linguagem constituída ou falada secreta uma significação nova, instante em que a linguagem instituída é “subitamente descentrada e privada de seu equilíbrio, [a própria linguagem instituída] ordena-se de novo para ensinar ao leitor – e mesmo ao autor – o que ele não sabia pensar nem dizer”.¹⁴ Se considerarmos a linguagem em seu funcionamento verdadeiro, ela não será apenas um convite para descobrir significações pré-existentes. O envolvimento recíproco ou a interação que se percebe entre a linguagem prosaica e a linguagem criadora deve ser apreendido quando a linguagem falante faz vibrar a cadeia verbal e instala, no próprio discurso, uma significação nova. Um livro de literatura no qual a expressão é bem-sucedida é, então, um “artifício”. Ele é uma espécie de “acaso pleno de sentido” através do qual o escritor, “tocando em nós essas significações [já instituídas], faz que emitam sons estranhos, que parecem a princípio falsos ou dissonantes, e depois nos alia tão bem a seu sistema de harmonia que doravante o consideramos nosso”.¹⁵ O escritor se vale dos signos e das significações já disponíveis e pratica um descentramento e uma reestruturação que faz com que o novo e o diferente apareçam. A apreensão e a expressão destas significações novas sempre será compreendida por Merleau-Ponty de modo indireto ou alusivo. Ao prestarmos atenção no detalhe do ato expressivo vemos que há nele uma circularidade entre expressão e experiência, momento em que o escritor retoma sua experiência linguística recriando-a.

A força ou a potência de um escritor não deve ser procurada em alguma espécie de tentativa de comunicar verdades objetivas ou idéias prontas. Sua virtude consiste em seu estilo. É a modulação particularizada de sua maneira de falar que faz com que o leitor assimile aos poucos o universo do livro e que dá o próprio pensamento do autor. Dizer que em literatura o escritor reinventa a linguagem é o mesmo que dizer que ele reintroduz nela uma deformação

tor desprevenido, é aquela operação pela qual certo arranjo de signos e das significações já disponíveis passa a alterar e depois transfigurar cada um deles, até finalmente secretar uma significação nova, estabelecendo no espírito do leitor, como um instrumento doravante disponível, a linguagem [do escritor]”. MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 20

14 MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 22.

15 MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 21.

coerente. Vem daí que no artigo publicado em 1952 – “A linguagem indireta e as vozes do silêncio” –, Merleau-Ponty nos diga que o sentido de um romance só pode ser percebido como uma “*deformação coerente* imposta ao visível”. Donde a impossibilidade do estilo estar “encerrado nas profundezas do indivíduo, mas, [ao contrário], difuso em tudo quanto ele vê”. O próprio romance deve ser concebido como uma “operação do estilo”, a qual exprime uma “significação oblíqua ou latente”. O contraste entre o romance concebido nesta perspectiva e o romance como relato de acontecimentos e enunciados de idéias, revela que somente a primeira espécie nos “*faz ver*” como palavras. Uma vez que a fala ou o estilo está acima da “técnica” ou do “instrumento”, ela não está mais “a serviço de um fim exterior”, afinal, “ela tem em si mesma sua regra de emprego, sua moral, seu modo de ver o mundo”: este “uso vivo da linguagem [...] é a própria literatura enquanto pesquisa e aquisição”.¹⁶ Ora, isto é o mesmo que dizer que a literatura nos dá um ponto de vista sobre o mundo, ela nos “dá nossa perspectiva sobre as coisas”; ela é uma investigação, uma interrogação ou uma interpretação. Mas, além disto, é preciso notar, como faz Merleau-Ponty no resumo do curso dado entre 1953 e 1954 – “O problema da fala” –, que a literatura “dispõe [nas coisas] um relevo”. Os relevos e as linhas de forças presentes na paisagem do mundo literário induzem “uma sintaxe profunda, um modo de composição e de narrativa que desfazem e refazem o mundo e a linguagem usual”.¹⁷ Portanto, enquanto “aquisição”, a literatura “inaugura uma discussão que não termina com ela”; em última instância, esta aquisição diz respeito àquela proposta de libertação da linguagem em que se afirma sua autonomia. Enquanto “pesquisa”, é a própria literatura que suscita esta pesquisa, já que o escritor passa a confiar na linguagem e a viver no interior de sua opacidade.

Como descrever tanto a experiência do escritor no trabalho quanto do leitor no ato da leitura? Ou ainda, como fazer ver a virtude expressiva da lingua-

16 MERLEAU-PONTY, *Signes*, pp. 97, 66, 96. Em 1959 o filósofo dirá que “na linguagem, tanto no uso vivo da fala quanto em seu uso poético”, “as palavras parecem falar por si mesmas e se tornarem seres...”. MERLEAU-PONTY, *Signes*, p. 147

17 MERLEAU-PONTY, *Résumés de cours*, p. 40.

gem? Do lado do escritor é preciso frisar que ele não possui de modo absoluto a idéia daquilo que vai escrever. Trata-se, na verdade, de uma fixação ou de uma coagulação produzida durante muito tempo de trabalho. Esta fixação delimita o campo no interior do qual o uso das significações disponíveis expressará algo novo. Ainda que haja trabalho de pensamento, o trabalho do escritor é, antes, um “trabalho de linguagem” que “produz um sistema de signos que restitui por seu agenciamento interno a paisagem de uma experiência”.¹⁸ No decorrer de seu trabalho ele embaralha todas as distinções, e isto, porque ao passar da linguagem instituída à linguagem instituinte ele se liberta ao mesmo tempo da semelhança com as coisas e do ideal da obra de arte acabada. Merleau-Ponty interpreta a “adequação da linguagem ao seu sentido total” e o fato da expressão ser sempre “aproximada” como um “*pathos da linguagem*” comum a muitos escritores do século passado. A experiência da linguagem chama atenção do filósofo para a “*fala espontânea*” que se encontra nos antípodas da literatura significante. Do lado do escritor é interessante lembrar o exemplo de Valéry e de Stendhal. Em Valéry, Merleau-Ponty chama a atenção para o fato de que há uma espécie de reabilitação total da linguagem, donde sua “literatura consciente e aceita”, assim como sua “vontade de falar e de viver”. Em Stendhal, trata-se de sublinhar que a linguagem “é a função central que constrói uma vida como uma obra, e que transforma em motivo de vida até nossas dificuldades de ser”.¹⁹

Do lado do leitor não podemos deixar de notar que ele já se encontra operando no registro da linguagem em que a obra foi escrita. Ele começa a ler um livro sem que tenha dúvidas das palavras que são empregadas, mas, aos poucos, graças a uma espécie de desvio da linguagem instituída, o leitor passa a habitar o mundo criado pelo escritor. A partir desta perspectiva, “a realidade do leitor é apenas imaginária, já que ele tira toda sua potência desta máquina infernal que é o livro, aparelho de criar significações”.²⁰ Donde o poder que o leitor tem de ultrapassar-se pela leitura; ele deve isto “ao fato de ser sujeito falante”, isto é,

18 MERLEAU-PONTY, *Résumés de cours*, p. 40.

19 MERLEAU-PONTY, *Résumés de cours*, pp. 27 e 30.

20 MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 20.

“gesticulação lingüística”. No limite, o leitor se deixa transformar pelo livro; ele adquire, graças ao próprio livro, “novos órgãos” de expressão. A propósito, isto nos dá precisamente o caráter insubstituível do livro, o qual “se instala e nos instala em um mundo do qual não temos a chave”, ele “nos ensina a ver e finalmente nos dá a pensar”.²¹

A comunicação em literatura não pode consistir em uma espécie de remissão feita pelo escritor a um conjunto de significações previamente dadas ou simplesmente a “significações que fariam parte de um *a priori* do espírito humano”. A comunicação literária suscita as significações “através de um arrebatamento ou por uma espécie de ação oblíqua”.²² Não se trata de contestar a existência de algo imprevisível e ambíguo em toda obra literária. Também não se trata de atribuir a esta imprevisibilidade e ambigüidade uma “fraqueza provisória” da qual poderíamos um dia libertá-la. Na verdade, estas características da comunicação literária são precisamente “o preço a ser pago para ter uma literatura, isto é, uma linguagem conquistadora, que nos introduza em perspectivas alheias, em vez de nos confirmar nas nossas”.²³

Há um balanço a ser feito que talvez possa esclarecer algumas coisas. Seria preciso, então, pôr em relevo uma dimensão do discurso merleau-pontiano que simultaneamente antecipa a ontologia do último período e arrasta alguns marcos categoriais da primeira fase. Vimos que ao abordar a literatura o filósofo se preocupa em relacionar de maneira inextricável a fala conquistadora e a fala instituída, momento em que se dá o arranjo da linguagem instituída e nos leva para além de nosso próprio pensamento nos dando algo a mais. Merleau-Ponty insiste que é a fala conquistadora que lhe interessa, pois é ela que torna possível a fala instituída. O motivo de todo este interesse consiste no fato de que é “ela mesma que ensina o seu sentido”, afinal, mais do que assinalar um sentido já pré-existente “é preciso que ela o faça ser, lhe é então essencial ultrapassar-se como gesto, ela é o gesto que se suprime como tal e se ultrapassa em direção a um

21 MERLEAU-PONTY, *Signes*, pp. 96-97.

22 MERLEAU-PONTY, *Parcours deux*, p. 44.

23 MERLEAU-PONTY, *Signes*, p. 97.

sentido”. Aqui, a fala encontra-se estreitamente ligada ao gesto, ou melhor, ela é o “gesto ambíguo que forma o universal com o particular, e o sentido com nossa vida”.²⁴ A fala emerge de condutas comuns e se enraíza em um mundo sensível que não é um mundo privado. Para dar continuidade a estas notas, primeiramente seria preciso deixar bem claro que a passagem do silêncio à fala deve ser compreendida de maneira diacrítica como poder de diferenciação que tanto a percepção quanto a linguagem exprimem de maneira indireta. Em seguida, valeria lembrar que ainda há um bom caminho a ser percorrido pelo filósofo antes dele chegar a pensar a relação entre o silêncio e a fala nos termos da reversibilidade. É neste contexto que devemos interpretar esta outra passagem: “a fala, em certo sentido, retoma e supera, mas, em certo sentido, conserva e continua a certeza sensível, ela jamais penetra inteiramente o ‘silêncio eterno’ da subjetividade privada”.²⁵ É verdade que nesta citação a passagem da fala ao silêncio é compreendida segundo um modelo dialético. Mas talvez seja possível, também, perceber nela a relativa persistência da perspectiva da subjetividade devida, entre outros fatores, à discussão subliminar entretida com o autor de “O que é a literatura?” e entender, enfim, que no período intermediário da filosofia merleau-pontiana o silêncio ainda não foi transportado da consciência para o mundo.

A título de conclusão, vale dizer que o estudo da categoria de expressão criadora em literatura, assim como em outras formas de expressão, ao considerar o artista enquanto trabalha, ou melhor, enquanto agente criador, pode fornecer as balizas para uma ação criadora que está enredada em um mundo que não pode ser dissociado nem do passado, nem do futuro, e muito menos das relações com as outras pessoas. Aqui, a linguagem em seu uso criador, a linguagem conquistadora de que fala Merleau-Ponty, deve brotar dos próprios signos sedimentados no interior da ordem da cultura ou do sentido. Assim considerada, a ordem da cultura é precisamente a “ordem original do *advento*, que não deve ser derivada daquela, se ela existe, dos acontecimentos puros, nem tratada como o simples efeito

24 MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, pp. 196, 206.

25 MERLEAU-PONTY, *La prose du monde*, p. 61.

de encontros extraordinários”²⁶. São esses gestos culturais de inauguração do sentido que exigem de nós um começo, um recomeço e uma continuação, tais ações são duráveis e criadoras. Mas isto, contanto que a obra se comunique com outras obras que guardam, por sua vez, uma fecundidade.²⁷ Portanto, as obras que contêm esta força nos levam mais adiante no interior do próprio mundo cultural, mas, além disto, elas nos enraízam, graças a sua durabilidade, neste mesmo mundo cultural.

The literary expression in Merleau-Ponty

Abstract: This article aims to show the way that Merleau-Ponty discusses the subject of the creative expression on literature. In order to do that, we shall analyze the texts of the intermediary period to point out the creative literature is due to arrangement of the own signs of the common language.

Keywords: expression – language – literature – Merleau-Ponty.

Referências bibliográficas

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: Gallimard, 1996.

_____. *A prosa do mundo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

26 MERLEAU-PONTY, *Signes*, p. 85.

27 Para Merleau-Ponty, “toda percepção, toda ação que a supõe, logo, todo uso humano do corpo já é *expressão primordial*, – não este trabalho derivado que substitui o exprimido dos signos dados com seu sentido e sua regra de emprego, mas a operação primeira que primeiramente constitui os signos em signos, faz habitar neles o exprimido apenas pela eloqüência de seu arranjo e de sua configuração, implanta um sentido no que não havia, e que, então, longe de se esgotar no instante em que acontece, inaugura uma ordem, funda uma instituição ou uma tradição...”. MERLEAU-PONTY, *Signes*, p. 84.

_____. *La prose du monde*. Paris: Gallimard, 1999.

_____. *Parcours deux*. Lagrasse: Verdier, 2001.

_____. *Résumés de cours*. Paris: Gallimard, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. *Qu'est-ce que la littérature?*. Paris: Gallimard, 2003.